


## UMA LEITURA DE O CONTO DA AIA À LUZ DA PSICANÁLISE

 DOI: 10.5281/zenodo.17138974

*Autora: Júlia Reis da Silva Mendonça<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo entrelaçar psicanálise e literatura a partir da leitura do livro “O conto da aia”, de Margaret Atwood, que evidencia o quanto que diante de crises políticas, econômicas e sociais os direitos das mulheres podem lhes ser suprimidos de modo violento, reforçados pelo poder da igreja e do exército como ferramentas opressoras e cerceadoras da liberdade e dos desejos femininos.

**Palavras-Chave:** Psicanálise; Literatura; Mulheres.

---

### A PSYCHOANALYTIC READING OF THE HANDMAID'S TALE

**Abstract:** This paper aims to intertwine psychoanalysis and literature through a reading of Margaret Atwood's book "The Handmaid's Tale," which highlights how, in the face of political, economic, and social crises, women's rights can be violently suppressed, reinforced by the power of the church and the military as oppressive tools that restrict women's freedom and desires.

**Keywords:** Psychoanalysis; Literature; Women.

---

<sup>1</sup>Docente dos Cursos de Especialização do SEPAI/Instituto São Zacharias de Estudos e Pesquisas. Docente do Instituto ESPE. Doutora em Psicologia (UFMG). Mestre em Psicanálise (UERJ).

*“Os poetas são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve levado em alta conta, pois costumam saber toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra, sobre cuja existência nossa sabedoria acadêmica nem mesmo sonha. E na ciência da alma se adiantaram muito em relação a nós, homens comuns, pois se nutrem de fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência” (Freud, 1907/1996, p.18).*

## **1. Considerações Preliminares**

Esse trabalho é efeito das discussões realizadas em dois espaços: no projeto que acontece em uma plataforma social, o Instagram, através de um Clube do Livro que articula psicanálise e literatura a partir da leitura de livros escritos por mulheres, e no grupo de estudos sobre psicanálise e literatura do Corpo Freudiano Seção Barra Mansa.

Desde a descoberta do inconsciente e da definição dos sonhos como a via régia de acesso ao inconsciente, Freud destaca que o trabalho de interpretar os sonhos é o de construir um sentido diante do sem sentido: “A escuta analítica não é senão uma espécie de leitura pela qual o inconsciente se revela” (Fuks, 2007, p. 411).

No artigo *A questão da análise leiga*, Freud (1926) assinala que a literatura é fundamental para a formação do analista, na medida em que não só a escrita tem efeitos naquele que escreve, em sua função de fazer borda ao real, mas também no leitor, posto que cada um é afetado de modo singular pelo texto literários em função da surpresa, do incômodo, e do estranho.

Freud recorreu a diversos textos literários, Dostoiévski, Shakespeare, E.T.A Hoffman, Jensen, entre outros, e, ainda, aos mitos, a fim de evidenciar o quanto as experiências subjetivas singulares nos ensinam acerca do universal; bem como o quanto os artistas e poetas abrem caminhos para a clínica psicanalítica.

## **2. Considerações Sobre o Livro ‘O Conto da Aia’, de Margareth Atwood, à luz da Psicanálise**

Simone de Beauvoir escreveu há algumas décadas e continua sendo atual: “Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das

mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida.” O livro “O conto da aia” foi originalmente publicado em 1985. Esse livro, que também virou uma série, é incômodo porque fala de um regime totalitário, teocrático, fascista, militarizado, hierárquico, que subjuga as mulheres.

Em “O conto da aia”, Margaret Atwood nos introduz a uma sociedade controlada por um estado totalitário, a República de Gilead, onde os direitos individuais eram rechaçados em prol de um “bem comum”. É um futuro distópico em que os Estados Unidos sofrem um golpe militar e entram num regime político de uma ditadura militar teocrática comandada por homens que anulam completamente as mulheres. Após suspenderem a constituição, as mulheres foram dispensadas de seus trabalhos e perderam suas contas nos bancos, que foram transferidas para os maridos ou parentes próximos do sexo masculino. Dessa forma, as mulheres não podiam mais trabalhar, ter propriedade, dinheiro, ler, escrever.

Nessa época, em função da poluição e outras questões ambientais, como a radiação e uma guerra em andamento, a maioria dessas mulheres eram inférteis. As mulheres que eram férteis foram capturadas com violência, e aquelas que tinham filhos estes lhes eram retirados e direcionados para os orfanatos. Gilead era uma sociedade organizada em castas, sendo que cada casta possuía uma função específica; função essa que determinava a identidade e o valor de cada indivíduo. As mulheres eram submissas, silenciadas e renegadas e podiam exercer apenas um número limitado de atividades, principalmente referentes ao cuidado do lar e da família.

As mulheres eram categorizadas em: marthas (empregadas domésticas), tias (que ensinavam as mulheres a serem submissas e obedientes), aias (que tinham a função de gerar filhos), econoesposas e as esposas dos comandantes; e cada uma delas usava vestimentas com cores específicas. As aias usavam roupas vermelhas, que lhes cobriam do pescoço aos pés e um chapéu que cobria o olhar: não podiam olhar ou serem olhadas, nem ter uma fala livre.

Havia um cerceamento da ordem da linguagem. Uma repressão do dizer, de modo que June, protagonista do livro afirma: “Aprendemos a sussurrar quase sem qualquer ruído. Na quase-escuridão podíamos esticar nossos braços, quando as Tias não estavam olhando, e tocar as mãos umas das outras sobre o espaço. Aprendemos a ler lábios, nossas cabeças deitadas coladas às camas, viradas para o lado, observando a boca uma das outras. Dessa maneira trocávamos nomes, de cama em cama: Alma. Janine. Dolores. Moira. June”.

Logo após serem capturadas e antes de irem para a casa dos comandantes, as aias eram ensinadas, ou melhor, treinadas pelas tias, em grandes ginásios, ao que June recorda “Tia Lydia dizia: pensem nisso como servir o exército”.

As aias tinham um lugar muito valorizado porque podiam engravidar. Essas mulheres eram, então, tomadas pelos comandantes e permaneciam na casa destes até parirem, ou seja, esses filhos não seriam delas. Por isso quando entravam em uma família para servir recebiam o nome de *Of* acrescida do nome do comandante a quem serviriam. Sendo assim, perdiam seu nome próprio e passavam a pertencer a alguém. Logo após parirem uma criança mudavam de família e ganhavam um outro nome. No caso da personagem principal do livro, esta era chamada de *Offred*, ou seja, pertence ao comandante Fred, contudo ela resiste a essa objetualização, ao afirmar que: “Meu nome não é *Offred*, tenho outro nome que ninguém usa porque é proibido. Mantenho o conhecimento desse nome como algo escondido, algum tesouro que voltarei para escavar e buscar, algum dia”.

Havia um ritual em torno da gravidez de uma aia. A relação sexual de um comandante com a aia era tradicional, mas a esposa ficava junto durante o ato sexual e o homem lia uma passagem de Jacó, na tentativa de justificar pela religião esse ato de violência: “Raquel não consegue conceber filhos então sugere que Jacó engravide sua criada, para assim conseguirem ter filhos: *Dá-me filhos, ou senão eu morro. Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto do teu ventre? E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva, Bilha; Entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos, e eu, assim, receba filhos por ela*” (Genesis 30:1-3). Da mesma maneira, na hora do parto a esposa ficava junto da aia, como se fosse ela quem estivesse parindo a criança.

Destaca-se, também, o cumprimento que as aias deveriam fazer quando encontravam alguém “sob os olhos dele”, que seguia o modelo da sociedade panóptica tal como descrita por Foucault: de vigilância, controle e punição. A forma como as mulheres eram tratadas nessa sociedade fictícia não se distancia tanto da realidade; sabe-se que as mulheres foram silenciadas ao longo da história: queimadas na fogueira como bruxas, alijadas de qualquer prazer sexual, mandada para hospícios porque traíram seus maridos, ou porque estes queriam ficar com as amantes, ou ainda porque faziam sexo ou engravidavam antes de se casarem, como documentariza Daniela Arbex em seu livro “O holocausto brasileiro”.

June relata, ao longo do livro, o sofrimento, humilhação e violência que vivencia enquanto aia, bem como em relação as aias com quem convivia ou tinha notícias. Contudo, ela não sucumbiu a pulsão de morte, ela não deixou de ter desejos e lembranças sobre sua

vida antes de Gilead, quando era casada, tinha uma filha, estudava, trabalhava, tinha amigos. Ela precisou construir em seu quarto o seu refúgio, ali ela podia se despir das vestes que a aprisionavam. Em uma passagem do livro, a autora descreve um cena muito interessante quando June estava no quarto, em que se refugia dentro do armário, um local seguro, secreto e ali encontrou a escrita de uma outra aia, que morou ali antes dela, e que permaneceu enigmática durante algumas páginas até poder ser decifrada, posto que estava escrito em latim “*Nolite te bastardes carborundum*”. Posteriormente ela teve a chave para a tradução “Não deixe que os bastardos afetem (ou esmaguem) vocês”. Muitas vezes, entre elas, resistir era sobreviver.

Essa sociedade se organizava em torno de valores morais religiosos rígidos e muitas vezes manipulados: se excluía ou acrescentavam trechos às passagens bíblicas de acordo aos interesses do pequeno grupo de homens que tomam o poder. Apesar do medo e da violência àqueles que não cumprissem o que lhes era imposto, destaca-se que para que essa sociedade existisse era preciso que um grupo a sustentasse. Freud (1921), em “*Psicologia de grupo e análise do eu*”, afirmava que “a fórmula para a constituição libidinal dos grupos: é um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do eu e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu eu” (p. 126). Contudo, o psicanalista apontava o perigo dessa identificação em massa, na medida em que as influências as quais os sujeitos estavam submetidos, com frequência promoviam uma “profunda alteração em sua atividade mental, sua submissão a emoção torna-se extraordinariamente intensificada, enquanto que sua capacidade intelectual é acentuadamente reduzida” (Freud, 1921, p. 99). Assim, esses sujeitos poderiam apresentar tanto uma “fascinação”, quando o eu introjetava o objeto em si próprio, como uma “servidão”, quando o eu se empobrecia e se entregava ao objeto e substitui o seu constituinte mais importante pelo objeto.

O autor descreveu, ainda, a igreja e o exército como “grupos altamente organizados, permanentes e artificiais” em que uma força externa era empregada para mantê-los coesos e evitar alterações em sua estrutura. Nestes, prevalecia a mesma ilusão de que havia um “cabeça”, ou seja, “comandantes”, ou Cristo, que atuavam como um pai substituto, que amava todos, igualmente, e prezava pelo seu bem-estar e segurança. O principal fenômeno dessa psicologia de grupo era a falta de liberdade e um pânico em relação à possibilidade de sua desintegração.

A hipótese de Freud era de que no grupo havia uma revivência da horda primeva, onde o pai era o ideal do grupo que dirigia o eu no lugar do ideal do eu. Nesses casos, o líder do

grupo ainda era o temido pai primevo, pai da exceção, do gozo, que governava o grupo despoticamente; e o grupo ainda era aquele que desejava ser governado pela força irrestrita e possuía uma paixão extrema pela autoridade, com sede de obediência. Tais formulações evidenciam sua atualidade para que se possa pensar tanto os fenômenos gregários bem como os fenômenos de segregação presentes no mal-estar subjetivo de outrora, mas também nos dias atuais. Se Freud (1912-13) em “Totem e tabu” coloca o pacto entre os irmãos após o assassinato do pai, baseado na renúncia e na partilha, como fundamento do laço social e da civilização, o gozo se coloca como fundamento da segregação na atualidade (Bastos, 2004).

Sobre o ponto da religião, ressalta-se que se em Freud ele a formulava pela via de uma defesa contra o desamparo infantil, como um anseio pela proteção de um pai, como uma ilusão, em função da dependência e da alienação a um Outro que ocupa o lugar de verdade; Lacan o formula em termo do “triunfo da religião”, pela via da produção de sentido.

Desde o começo, tudo que é religião consiste em dar um sentido às coisas que outrora eram as coisas naturais. Não é porque as coisas vão se tornar menos naturais, graças ao real, que se vai parar de secretar o sentido. E a religião vai dar um sentido às experiências mais curiosas, aquelas pelas quais os próprios cientistas começam a sentir um ponta de angústia. A religião vai encontrar para isso sentidos truculentos. É só ver o andar da carruagem, como eles estão se atualizando (Lacan, 1975/2005, p.79-80).

Diante da opressão religiosa e do impedimento da liberdade, June busca saídas para não recuar diante do seu desejo, investe amorosamente em Nick, busca fazer laços a fim de encontrar formas de denunciar as inúmeras violências sofridas. Ao final do livro, June conseguiu ser resgatada, mas algo permanece enigmático e com essa frase o livro termina: “E assim eu entro, embarco na escuridão ali dentro; ou então na luz”. Afinal, June conseguiu reconstruir uma nova vida? Foi descoberta e enviada para as colônias (local para onde as mulheres eram banidas por serem deficientes, idosas ou “rebeldes”? para a casa de Jezebel (prostíbulos)? ou foi executada? não se sabe. Porém, ao longo do livro o leitor vive com a personagem a dor, a opressão, mas também a pulsão de vida e o desejo de viver, reencontrar a filha, amar e escrever. Contar sua história, o conto da aia, ou melhor, o conto de uma aia, parece funcionar para a personagem como um modo de atenuar o sofrimento psíquico e dar um contorno, fazer borda ao real. Assim, conclui-se esse trabalho com a fala de June:

Gostaria de acreditar que isso é uma história que estou contando. Preciso acreditar nisso. Aquelas que conseguem acreditar que essas histórias são apenas histórias tem chances melhores.

Se for uma história que estou contando, então tenho controle sobre o final. Então haverá um final, para a história, e a vida real virá depois dele. Poderei recomeçar onde interrompi.

Conto, em vez de escrever, porque não tenho nada com que escrever e, de todo modo, escrever é proibido. Mas se for uma história, mesmo em minha cabeça, devo estar contando-a para alguém. Você não conta uma história apenas para si mesma. Sempre existe alguma outra pessoa.

Mesmo quando não há ninguém.

Uma história é como uma carta. *Caro você*, direi. Apenas você, sem nome. Acrescentar um nome acrescenta *você* ao mundo real, que é mais arriscado, mais perigoso: quem sabe quais serão as probabilidades lá fora de sobrevivência, da sua sobrevivência? Eu direi *você, você*, como uma velha canção de amor. *Você* pode ser mais de uma pessoa.

*Você* pode significar milhares.

Fingirei que você pode me ouvir.

### 3. Fontes Consultadas

ARBEX, D. *Holocausto Brasileiro*. São Paulo: Geração Editorial; 2013.

BASTOS, Angélica. Segregação, gozo e sintoma. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 251-265, set. 2004. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482004000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 dez. 2024.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967

FREUD, Sigmund. *Delírios e sonhos na gradiva de Jensen*. ESB. v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1907].

\_\_\_\_\_. *Totem e tabu*. ESB. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1912-13].

\_\_\_\_\_. *Psicologia das massas e análise do eu*. ESB. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1921].

\_\_\_\_\_. *A questão da análise leiga*. ESB. v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1926].

FUKS, Betty. Saber fazer com o real: diálogos entre psicanálise e arte. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2007.

LACAN, J. *O triunfo da religião, precedido de Discurso aos católicos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.